

O FUTEBOL IDENTITÁRIO E SECTÁRIO NO PAÍS DOS CEDROSNemésio Xavier de França Neto¹Andrew Patrick Traumann²

Resumo: Este trabalho visa analisar e demonstrar que os confrontos entre grupos religiosos e étnicos no Líbano se refletem no futebol. O futebol é o esporte mais popular e mais passional possível existente. O futebol pode envolver as questões mais complexas existentes de uma sociedade que acaba ultrapassando as quatro linhas. Torcer por um clube de futebol em muitos lugares do mundo pode significar muito mais do que escolher um time, e sim dar a vida por este clube que representa seu bairro, sua cidade ou até mesmo sua religião ou classe social. Estes ideais identitários estão presentes até os dias de hoje. No Líbano, muitos clubes representam os três principais grupos étnicos-religiosos libaneses: cristãos, muçulmanos sunitas e muçulmanos xiitas; além de outros clubes representarem outros grupos minoritários como drusos e armênios. Os clubes de futebol libaneses sempre estão ligados ou filiados a alguma aliança política como as alianças 14 de Março ou 8 de Março. Esta representatividade presente no futebol libanês é fruto de todo o conflito histórico entre estes grupos, desde a independência do Líbano da França até os dias de hoje.

Palavras-chave: Futebol e Identidade. Oriente Médio. Líbano.

Abstract: This paper aims to analyze and demonstrate that clashes between religious and ethnic groups in Lebanon are reflected in football. Football is the most popular and passional sport possible. Football can involve the most complex issues of a society that ends up overtaking the four lines. Support a football club in many parts of the world can mean much more than choosing a team, but giving your life for this club that represents your neighborhood, your city or even your religion or social class. These ideals of identity are present to this day. In Lebanon, many clubs represent the three main Lebanese ethnic-religious groups: Christians, Sunni Muslims and Shiite Muslims; as well as other clubs representing other minority groups such as Druze and Armenians. The Lebanese football clubs are always attached to or affiliated with a political alliance such as the March 14th or March 8th alliances. This representability in Lebanese football is the fruit of all the historical conflict between these groups, since Lebanon's independence from France to this day.

Keywords: Football and Identity. Middle East. Lebanon.

Recebido em: 26/12/2017

Aprovado em: 22/01/2018

¹ Graduando em Relações Internacionais – Centro Universitário Curitiba (Unicuritiba) – Curitiba-PR – nemesioneto@yahoo.com

² Orientador professor Doutor do curso de Relações Internacionais e do grupo de Iniciação Científica de estudos em “Conflitos no Oriente Médio, Ásia e África” – Centro Universitário Curitiba (Unicuritiba) – Curitiba-PR – andrewtraumann@hotmail.com

Introdução

O futebol pode abranger questões muito complexas que transbordam as quatro linhas e torna-se muito mais que um jogo e muito mais que um esporte. O esporte foi capaz de deflagrar movimentos de libertação além de ser usado como instrumento para espelhar uma ideologia e até mesmo um viés opressor. Muitos clubes espelham classes sociais, ideologias políticas e chegam a atingir o âmbito religioso que torna o sentimento de torcer por um clube muito mais intenso do que qualquer outra coisa (FOER, 2005).

Com a desfragmentação do Império Otomano, foi celebrado o Acordo Sykes-Picot, realizado entre França e Inglaterra em 1916 que dividiu territórios fragmentados entre as duas potências. Desta maneira, a região que hoje conhecemos como Líbano e Síria, ficou sobre o domínio da França (SHLAIM, 2004).

A República do Líbano fica sobre influência francesa e o poder político, na época, foi dividido entre os xiitas, os sunitas e os cristãos. No entanto, ao colaborar e ter os laços mais fortes com os franceses, foram os cristãos que mais se beneficiaram dessa estrutura. Essa hegemonia cristã duraria várias décadas e foi uma das principais causas da próxima rodada dos conflitos políticos na segunda metade do século XX. Em 1943, a independência libanesa foi declarada e, em 1944, foi reconhecida pelo governo francês. Para conseguir o sucesso no estabelecimento de uma nação, o povo do Líbano decidiu, em 1943, criar uma república onde a principal característica seria uma divisão de poderes adequada e justa entre as diversas comunidades. Por conseguinte, foi oficialmente decidido nesse ano que o Presidente da República seria um maronita cristão; o primeiro-ministro um muçulmano sunita e o presidente da Assembleia, um muçulmano xiita. As outras comunidades (drusos, cristãos ortodoxos, católicos, armênios e etc.) também teriam uma quota de políticos que os representariam no governo. Em uma linha paralela o futebol também vem imergindo no Líbano e ao mesmo tempo absorvendo todo esse conflito sectário político-religioso. Há clubes que são de muçulmanos sunitas. Outros de muçulmanos xiitas ou de cristãos. O governo libanês e a Federação Libanesa de Futebol vêm lutando contra esse sectarismo no esporte (não só no futebol) há tempos.

Por exemplo, em 13 de abril de 2010³, no Estádio Camille Chamoun em Beirute - que é muito parecido com o Estádio Centenário de Montevideu - testemunhou uma de suas partidas mais televisionadas, embora mal jogadas. Em um esforço para demonstrar a "unidade nacional" - e, aliás, a sua falta de aptidão física - os políticos libaneses de diferentes posições e fundamentos políticos desempenharam um amistoso de 30 minutos. A partida teve lugar no 35º aniversário do início da guerra civil libanesa de 15 anos - ou, como a maioria no Líbano o chama, "A Guerra" - sob o slogan "somos todos uma equipe". Querendo reduzir a tensão política e fortalecendo o espírito de cooperação e solidariedade entre os libaneses, os árbitros foram cuidadosamente selecionados para incluir uma

³ <http://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/middleeast/lebanon/7589996/Lebanese-political-rivals-meet-on-football-pitch.html> - Acessado em: 07 de nov. 2017

Dossiê Futebol, Mulheres e Guerra: o Oriente Médio na Atualidade

variedade de contextos sectários. A equipe vermelha, liderada por Saad Hariri - líder da coalizão e primeiro-ministro do 14 de março na época - venceu com dois gols a equipe branca, liderada por parlamentar e membro do Hezbollah da coalizão de 8 de março, Ali Ammar.

Abdallah, ministro da Juventude e Esportes da época, explicou que a partida enviaria duas mensagens para a juventude libanesa: primeiro, "esse esporte é o método mais apropriado para fortalecer a unidade entre os libaneses" e segundo, que a presença de ministros e parlamentares no campo juntos para jogar um jogo de futebol destacou a importância de "superar as divisões nascidas de períodos de tensão política".

2.1 O Líbano e seu conflito étnico-religioso interno

O Líbano é um caldeirão de conflitos. Se formos buscar a história, na maior parte do tempo o cenário libanês tem se caracterizado pelas rivalidades entre os diferentes grupos religiosos (SMITH, 2008). As pautas para resolução deste conflito sempre foi atingir um ponto em que se agradasse todos os diferentes interesses dos grupos étnicos religiosos.

Na diversificada população do Líbano, incluem-se xiitas e sunitas (os dois principais grupos islâmicos do mundo), drusos e cristão de várias seitas (os maronitas são os mais numerosos). Ainda se discute se os drusos têm origem étnica distinta daquela dos outros grupos do Líbano; seja como for, o drusismo (um ramo do ismaelismo, que por sua vez é uma dissidência do xiismo) existe há pelo menos um milênio. A história maronita, cujos detalhes e origens são também controversos, remonta a um cisma da Igreja Bizantina no primeiro milênio da era cristã. Tanto os drusos quanto os maronitas enfrentaram e rejeitaram as pressões para submeter-se e produziram uma tradição marcial de autodefesa e resistência, o que, nos séculos 19 e 20, os levou a formar milícias. À medida que o Império Otomano se enfraquecia no século 19, as tensões e rivalidades entre drusos e maronitas geravam violência. A partir de aproximadamente 1860, um objetivo-chave da política francesa foi apoiar os maronitas. (SMITH, 2008, p. 62)

“A França passou a exercer uma espécie de poder colonial indireto na região, fazendo com que essa parte do Levante fosse um “protetorado” submetido aos interesses franceses no Oriente Médio”. (MEIHY, 2016, p. 56). Em 1920, a França proclamou o conhecido “Estado do Grande Líbano”, sendo que deste modo, os franceses davam a forma ao território atual do país unindo por exemplo Beirute, que com essas fronteiras garantiam a autossuficiência alimentar do país. (MEIHY, 2016)

Nos anos de 1920, foram tomadas decisões políticas importantes que influenciaram o Líbano atual. Em 1922, ocorreu a formação de um Conselho Representativo e em 1926 foi adotada uma Carta Constitucional inspirada na Constituição francesa de 1875 e na Constituição belga. Sendo assim, “a partir desse momento, com o amparo da França, o Líbano passou a ser definido como um Estado unitário, supostamente independente, com o árabe como língua oficial e o francês como segunda

língua.” (MEIHY, 2016, p. 57) Esses passos demonstram uma grande contradição em sua Constituição de 1926: o jogo político do Líbano como “unitário”. O debate sobre o equilíbrio de poder entre os grupos religiosos não ficava esclarecido em nenhuma parte desta nova Constituição. Conforme alega (SMITH, 2008, p. 2) que esta Constituição “fundada na filiação religiosa, favorecia os maronitas”.

Em 1932 é realizado um censo populacional que foi considerado um instrumento para a distribuição do poder no Estado libanês, em que se adequava às exigências das elites políticas confessionais (MEIHY, 2016). A emergência do Estado do Líbano daquela época tinha como uma linha de padrão igual aos outros países pós-coloniais contendo a população de origem étnica diferente, essas nações foram submetidas à uma identidade nacional homogênea, onde os interesses desses grupos ou seus sentimentos e ressentimentos históricos não poderiam ser anulados por pactos políticos ou resolvidos a canetadas constitucionais. Um cálculo demográfico científico foi visto como uma maneira de dar um tipo de controle político do país aos cristãos maronitas.

O resultado do censo mostra que o Líbano foi sendo construído como uma nação cristã. Não há como duvidar que o censo de 1932 foi uma estratégia legal para transformar os maronitas em maioria populacional, repudiando um passado de submissão ao poder político islâmico. A memória histórica da população cristã libanesa, em especial dos maronitas, não tinha como esquecer a segregação social que viveram até a chegada do imperialismo francês e das reformas administrativas otomanas que reforçaram a o sentido de confessionalidade nas comunidades religiosas. Os massacres de meados do século XIX e a perseguição política sofrida por muitos intelectuais nacionalistas cristão até a independência do país eram questões muito recentes e precisavam ser substituídas por garantias políticas que comprovassem a obrigatoriedade de uma administração efetivamente cristão na região. A construção de um Líbano cristão e ocidentalizado seria a garantia de que o país seguiria a trajetória de sucesso que muitas nações cristãs da Europa tiveram historicamente, e para isso era importante provar que os cristãos eram uma maioria populacional que reivindicava de forma justa o controle político do novo Estado libanês. (MEIHY, 2016, p. 58)

A independência do Líbano vinha se tornando uma realidade. Neste clima de mudança política em relação à presença estrangeira no Líbano a juventude local começou a se organizar politicamente. Neste cenário aparece o jovem farmacêutico Pierre Gemayel, que com 21 anos foi selecionado para integrar a equipe de futebol libanesa nos Jogos Olímpicos de Berlim. O contato de Gemayel com máquina estatal nazista transformou sua visão de compreensão de política do seu país, já que a propaganda nazista mostrava a Alemanha como uma nação forte e unida (MEIHY, 2016).

Neste contexto, o projeto nacional libanês fomentado com os censos demográficos forjados em 1932 ou pelo Pacto Nacional oficializado em 1943, o qual veremos mais tarde, foi uma tentativa de garantir à comunidade marotinha sua condição da maioria-político-administrativa. E na linha de frente desse projeto estava o Kataib.

Dossiê Futebol, Mulheres e Guerra: o Oriente Médio na Atualidade

Porém, a solidificação da independência do Líbano estava dependente de criar uma base de interesses consensuais entre as comunidades étnico-religiosas para vencer um inimigo em comum: o poder colonial francês.

Em 1943, já cansados de esperar pela independência prometida, a Câmara de Deputados libanesa aprovou a emenda constitucional que suprimiu todos os artigos relacionados ao domínio francês. A reação da França foi imediata. O alto-comissário Jean Helleu ordenou a prisão do presidente da República, do chefe de governo e de três dos principais ministros, declarando que as mudanças na Constituição eram inválidas. Como presidente temporário, os franceses nomearam Émile Eddé, um fiel aliado que acreditava na conquista da independência do país de forma negociada com a França. Esse cenário de repressão e autoritarismo levou o Líbano a uma insurreição geral contra os colonizadores, o que permitiu a união de todas as forças políticas em torno de uma causa comum; algo que dificilmente voltaria a acontecer. A França não teve outra saída senão reconhecer a independência libanesa em 22 de novembro de 1943 (...). O novo clima instaurado no Líbano após sua independência permitiu a formação de um Pacto Nacional em 1943, que estabeleceu a participação de todas as elites políticas no Estado independente e reforçou o sectarismo. A principal consequência do Pacto Nacional foi a sedimentação das identidades confessionais no campo político e o reforço da liderança maronita no país, cuja argumentação já havia sido construída desde o censo de 1932. (MEIHY, 2016, p. 59)

Sendo assim, o Pacto Nacional foi visto com a negociação e a chegada a um consenso comum entre a diversidade étnico-religiosa para romper com a França. De acordo com este Pacto Nacional, os cristãos passavam a renunciar seu vínculo com as potências ocidentais e os muçulmanos renunciavam qualquer possibilidade de unificação do Líbano com a Síria (MEIHY, 2016).

E por que motivo o Pacto se tornava mais sectário? A resposta é encontrada nas definições de cargos estabelecidos, os quais colocariam as tensões no sistema político do recém-independente Líbano:

A partir do Pacto Nacional, a presidência da República ficaria a cargo de um membro da elite maronita (nesse caso, Bechara al-Khoury) e a presidência do Conselho de Ministros seria destinada a um integrante da elite muçulmana sunita (nesse caso, o primeiro-ministro Riad al-Sulh). Essa divisão de poderes passou a vigorar no Líbano independente como um acordo de cavalheiros, sem o registro de nenhum documento escrito, já que sequer o Pacto Nacional foi formalizado por meio de um texto público. Com o funcionamento do Estado libanês autônomo, a necessidade de se permanecer fiel à repartição de cargos políticos pelo Pacto Nacional fez com que a presidência do Parlamento fosse destinada a uma terceira elite confessional do país: os muçulmanos xiitas. Mesmo que a proposta de distribuição de cargos políticos por grupos confessionais tentasse equilibrar o peso político de setores distintos da sociedade libanesa, ao destinar as funções políticas mais importantes a maronitas e sunitas, reforçava o domínio desses dois grupos no cerne do Estado libanês recém-construído (MEIHY, 2016, p. 62).

As divergências entre os grupos religiosos aumentaram e as crises políticas motivadas pelo Pacto Nacional foram perceptíveis no decorrer após a formação do Líbano independente. Por exemplo, Al-

Dossiê Futebol, Mulheres e Guerra: o Oriente Médio na Atualidade

Khoury tentou manipular o Poder Legislativo algumas vezes pela sua permanência no poder, fato este que não deu certo pela reação dos diversos religiosos da política libanesa. Outro exemplo é a queda de Al-Khoury, no qual resultou a eleição de Camille Chamoun, que sua postura de política externa era a aproximação das potências de EUA e Inglaterra. Fato este que fez o presidente Chamoun anunciar a adesão à Doutrina Eisenhower (MEIHY, 2016). A escolha de Chamoun pelos políticos não foi pelo medo da influência soviética no país durante a Guerra Fria mas sim o medo das ideias do presidente egípcio Nasser, que com o pan-arabismo visava a unificação dos países árabes. Fato esse ruim para os interesses da política libanesa recém-independente. A postura anti nasser fez com que a população se revoltasse contra ele, levando que o presidente Chamoun acionasse os EUA pela Doutrina Eisenhower para conter as rebeliões.

Uma sequência conturbada de governos incapazes de manter a coesão social do povo libanês, é eleito Fuad Shehab com o objetivo de criar instituições sólidas para um país ideologicamente dividido. As mudanças trazidas por Shehab permitiram uma modernidade econômica no país, com a expansão de serviços básicos do Estado; saneamento e eletricidade; crescimento da rede de ensino público; fortalecimento do próprio Estado nacional com a criação de grandes instituições como o Banco Central Libanês, o Ministério do Planejamento, o Conselho Executivo de Obras Públicas. Esses foram os anos gloriosos, onde o Líbano viria a ser apelidado de a Suíça do Oriente (MEIHY, 2016).

A resposta da sociedade civil libanesa a essa crise e instabilidade política foi o aumento de grupos armados organizados. Nesse contexto por exemplo volta a atuação o Kataib, que passa a ter uma figura de atuação importante crescente no Líbano, pregando a defesa a toda comunidade cristã libanesa, um Estado nacional forte e unificado, além de ser antipalestino e ocidentalizado. Muitos líderes começam a pregar discursos para suas comunidades se radicalizarem. “Os presidentes libaneses que sucederam Fuad Shehab (notadamente, Charles Helou entre 1964 e 1970, Suleiman Frangié entre 1970 e 1976 e Elias Sarkis entre 1976 e 1982) pioraram ainda mais a radicalização do comunitarismo no Líbano.” (MEIHY, 2016, p. 67)

Ao longo dos mandatos desses presidentes do país, seus atos culminariam na Guerra Civil Libanesa. Por trás de toda a questão estava também o fracasso do Pacto Nacional e os limites do projeto nacional libanês moderno e ocidentalizado. Em 1975, um fato curioso aconteceu. Pelé foi ao Líbano jogar uma partida pelo Nejme SC. Acredita-se que a ida de Pelé ao Líbano naquele ano teria atrasado o início da Guerra Civil:

O ano de 1975 marcou o início do caos nas esferas de poder do frágil Estado libanês. As animosidades entre os jovens libaneses pró-Occidente e os pró-Palestina cresciam à revelia de ações diplomáticas que tentavam retardar ou impedir um conflito armado generalizado no país. Uma dessas ações foi a realização de uma partida de futebol amistosa em que o jogador brasileiro Edson Arantes do Nascimento, o Pelé, jogou ao lado do time libanês Nehme Sporting Club. A notícia da chegada do Rei do Futebol ao país serviu como uma trégua aos grupos armados que disputavam o poder no Líbano. Há quem diga que os enfrentamentos paramilitares que levaram o Líbano a uma sangrenta guerra civil somente começaram alguns dias depois da partida protagonizada por Pelé. Mitos à parte, a passagem do jogador brasileiro por

Dossiê Futebol, Mulheres e Guerra: o Oriente Médio na Atualidade

Beirute não foi suficiente para reduzir as tensões entre os grupos armados do país. Nesse sentido, o ano de 1975 representou o fim da Suíça do Oriente e a sensação de que se a guerra poderia esperar a saída de Pelé do Líbano, não havia como torcer pelo fim da crise política que marcaria a sociedade civil libanesa nos anos seguintes. (MEIHY, 2016, p. 68)

A guerra civil libanesa foi revigorada em abril de 1975. A lista de fatores que dividiam politicamente a sociedade civil libanesa em 1975 era gigantesca, “porém não há dúvidas de que a Questão Palestina, as animosidades entre posições de “esquerda” e de “direita” no Líbano da Guerra Fria e o fracasso do Pacto Nacional compunham o núcleo das hostilidades” (MEIHY, 2016, p. 69) que levaram a causar a explosão de um confronto. É importante apresentarmos o panorama das comunidades do Líbano em meados de 1975, ano da retomada da guerra civil.

Segundo (SCALÉRCIO, 2003, p. 220-221) sobre os cristãos maronitas:

Sua população era de cerca de setecentas mil pessoas. Formavam a comunidade mais próspera e politicamente influente do país. Ocupavam basicamente as montanhas do norte do Líbano e controlavam Beirute oriental. O acordo entre as comunidades atribuía aos maronitas trinta cadeiras no parlamento e o direito de indicar o presidente da república. Um importante detalhe é que os maronitas não desfrutavam de unidade monolítica. A liderança da comunidade era dividida entre quatro famílias tradicionais: Eddé, Chamoun, Frangieh e Gemayel. As três últimas controlavam forças milicianas armadas: os Chamoun contavam com uma tropa denominada “os tigres”, os Frangieh tinham o Exército de Libertação de Zghorta e os Gemayel eram apoiados pela milícia mais numerosa, que viria a se tornar hegemônica entre os maronitas, a Falange. O fato de os maronitas tentarem se opor ao crescimento do peso político dos muçulmanos não impedia que suas várias milícias vez por outra retornassem ao velho hábito de trocar tiros animadamente entre si. O pedido de apoio israelense em favor dos maronitas para travar a guerra civil foi uma iniciativa de Bashir Gemayel, filho de Pierre Gemayel, chefe da Falange, secundado por Danny Chamoun, filho de Camille Chamoun.

Os muçulmanos sunitas:

Sua população alcançava também cerca de setecentas mil pessoas. O acordo político assegurava aos sunitas vinte lugares no parlamento e o direito de indicar o primeiro-ministro. Durante a guerra civil, destacou-se na comunidade muçulmana sunita a combatividade da milícia Mourabitoun, de orientação nasserista. Os sunitas desejavam uma mudança no equilíbrio político libanês com o fito de aumentar o peso da presença muçulmana nas instituições governamentais. (SCALÉRCIO, 2003, p. 221)

Já os muçulmanos xiitas:

Eram cerca de um milhão de pessoas, a maioria pobre e vivendo no sul do país em aldeias. Tinham direito a vinte cadeiras no parlamento. Seguiam de modo geral a

orientação política do Movimento dos Desvalidos, uma organização liderada pelo xeque Mohamed Yaacoub. O fortalecimento dos movimentos islâmicos de cunho religioso provocou o crescimento do ativismo o político dos grupos xiitas. Grupos como o Movimento dos Desvalidos promoviam importantes programas de ajuda social e ao mesmo tempo procuravam organizar politicamente as comunidades que recebiam sua assistência. Em 1982, com a grande invasão israelense, os xiitas saudaram a presença judaica no Líbano com simpatia, já que mantinham relações de franca inimizade com os guerrilheiros da OLP e seus aliados sunitas. (...) Contudo, a aliança dos israelenses com os maronitas da Falange e sua insistência em permanecer no sul do Líbano logo modificaram a posição dos xiitas, derivando-a para a franca hostilidade. Não há dúvidas de que a vitória do Aiatolá Khomeini e de sua Revolução Islâmica no Irã em 1979 fortaleceria ainda mais a militância, a disposição e a influência de grupos políticos xiitas. No Líbano, o grupo Amal era a organização armada mais aguerrida entre os xiitas. Mais tarde, no sul do Líbano, formariam uma organização que viria a se tornar uma das mais encarniçadas inimigas de Israel: o Hezbollah (Partido de Deus). (SCALÉRCIO, 2003, p. 221-222)

Ainda neste caldo apresentado, existem mais cinco grupos de comunidades importantes para se citar. Um deles são os gregos-ortodoxos, que eram aproximadamente quatrocentas mil pessoas. Apesar deles serem cristão lutaram ao lado dos muçulmanos e da OLP porque não suportavam os maronitas. Eles tinham direito de eleger 11 deputados no parlamento libanês (SCALÉRCIO, 2003).

Os muçulmanos drusos:

Por volta de trezentas mil pessoas. Formam até hoje a comunidade muçulmana mais coesa do Líbano. Casam-se apenas entre si e são vistos pelos demais muçulmanos como heréticos. Obtiveram notoriedade como tremendos guerreiros na defesa de suas áreas nas proximidades das montanhas de Shouf. Até a invasão, em 1982, nunca tiveram problemas com os israelenses, e conseguiam manter os maronitas longe de suas montanhas. Eram liderados pela família Jumblatt e indicavam seis deputados ao parlamento. (SCALÉRCIO, 2003, p. 222)

Os armênios eram “aproximadamente 250 mil. Dividiam-se entre a religião católica e ortodoxa. Tinha direito a cinco deputados no parlamento libanês”. (SCALÉRCIO, 2003, p. 222)

Os protestantes “eram apenas cem mil. Possuíam apenas dois representantes no parlamento”. (SCALÉRCIO, 2003, p. 222)

Já os palestinos, conforme (SCALÉRCIO, 2003, p. 223):

(...) haviam se transferido para o Líbano desde 1948. Viviam fundamentalmente em campos de refugiados, mas também se fixaram em Beirute ocidental. Em 1970, com o “Setembro Negro” na Jordânia, mais um grande número deles se transferiu para o país, incluindo Yasser Arafat e seus combatentes da OLP. Os palestinos alcançavam por volta de quinhentas mil pessoas no Líbano. Muito politizados, simpatizantes das teses de esquerda e divididos em ao menos oito organizações militantes diferentes (nem todas sob a autoridades da OLP), sua presença teria alterado totalmente o

equilíbrio de forças vigentes no Líbano. Os maronitas, de modo geral pró-ocidentais e zelosos da manutenção de seus negócios e propriedades, nutriam para com eles grande desconfiança, que logo se deteriorou em franca inimizade. A chegada de Arafat acirrou os ânimos entre os maronitas, pois temiam que a OLP fundasse um Estado independente dentro do país.

Com este contexto apresentado, em 1982 a Guerra Civil Libanesa entrou em sua fase mais sangrenta, iniciada com uma invasão de Israel que justificava uma ação contra a OLP que atacava seus territórios. Essa ação militar foi batizada de Operação Paz na Galileia que foi efetivada com bombardeios contínuos em um certo a Beirute que duraram entre os meses de junho e agosto de 1982 (MEIHY, 2016). A partir desse momento, a Guerra Civil Libanesa transformou-se na imagem da barbárie em todos os veículos de comunicação internacionais que tiveram acesso aos campos de refugiados atacados.

Nesse sentido que as condições para a formação do Hezbollah já haviam sido reunidas como o fracasso político e militar dos movimentos nacionalistas de esquerda do Oriente Médio; a ascensão de ativismos políticos islâmicos após a derrota dos árabes na Guerra Dos Seis Dias de 1967 e a vitória da República Islâmica do Irã em 1979; e o sucesso da resistência local ao sul do Líbano contra Israel culminaram para o surgimento bem-sucedido do Partido de Deus (Hezbollah), que onde as ações sociais do Estado libanês não estavam presentes, o Hezbollah angariou “a simpatia da população local não apenas pela eficiência de seu braço armado, mas também por uma rede de escolas, hospitais e de órgão de apoio a libaneses diretamente atingidos pelo conflito”. (MEIHY, 2016, p. 73) O Hezbollah se tornou a maior força xiita e sua primeira ação militar foi em 22 de outubro de 1983, quando atingiu com um caminhão cheio de bomba a Embaixada dos EUA em Beirute (SCALÉRCIO, 2003).

Em suma, as forças internas e externas que conduziam a guerra civil libanesa resolvem propor um acordo para pôr fim ao conflito. A partir desse momento consensual entre as potências regionais e internacionais, líderes do Líbano se encontraram na cidade de Taif para celebrarem o acordo de paz. Esse acordo ficou conhecido como o “Acordo de Taif”. De fato, que além dos problemas causados pela guerra, os problemas causadores de fragmentação na sociedade civil libanesa não tinham sido resolvidos, e por isso, com o esgotamento da população local e a necessidade de pôr um ponto final nesse ciclo de violência que se instaurou no Líbano, deram uma simbologia aos Acordos de Taif como os primeiros passos para a pacificação total do país (SCALÉRCIO, 2003).

Sendo assim, a negociação para o fim da Guerra Civil Libanesa retomou em pauta uma revisão histórica da formação política do Líbano pós-independência. A base dos Acordos de Taif tangiam em uma reforma do Pacto Nacional de 1943, alterando os números de representações dos grupos étnicos-religiosos:

As novas regras do jogo político libanês eram: a) Diminuição de poderes do presidente, em favor do primeiro-ministro e do chefe do Parlamento; b) Divisão igualitária das cadeiras do Parlamento entre cristãos e muçulmanos; e c) Distribuição paritária dos ministérios para todos os grupos confessionais do país (o que antes

privilegiava maronitas e sunitas). Em linhas gerais, as mudanças do acordo pretendiam reduzir a influência do sectarismo de forma gradual, como um objetivo a ser alcançado a médio e longo prazos. (MEIHY, 2016, p. 74)

O Acordo Taif fez várias mudanças na Constituição libanesa, mas transferiu principalmente o poder executivo do Presidente para o Conselho de Ministros, aumentou o número de assentos no Parlamento de 99 para 128 (que deveriam ser divididos igualmente entre os muçulmanos e os cristãos) e também reiterou que o presidente seria um cristão maronita, o primeiro-ministro um muçulmano sunita e o presidente do parlamento um muçulmano xiita (como antes do acordo).

Nesse mesmo período, o cenário político do Líbano foi alterado com o aumento da força parlamentar do Hezbollah e do Amal que fazia frente aos maiores grupos políticos sunitas e cristãos. Muitos atentados aconteceram. Para completar o clima de tensão, Israel lançou em 1996 a Operação Vinhas da Ira com o objetivo de aniquilar o Hezbollah que realizava ataques direto no norte de Israel (MEIHY, 2016). A operação de Israel durou 16 dias e fracassou. Não somente fracassou no sentido de combater e esmagar a milícia xiita, mas fracassou no sentido de agravar o estado do conflito na região. A única mudança ocorrida foi a retirada das tropas de Israel do Líbano nos anos 2000. Ainda que o exército israelense tenha saído da região, uma importante parte do território na tríplice fronteira entre Líbano, Israel e Síria conhecida como “Fazendas de Shebaa” continuava sob ocupação. Essas “Fazendas” são um importante ponto estratégico entre os três países e a permanência israelense nessas terras deixa a retirada incompleta, levando ao Hezbollah continuar a acusar e realizar ataques contra Israel.

“O aumento da crise foi acompanhado pela Resolução 1559, aprovada pelo Conselho de Segurança da ONU em setembro de 2004, que exigia o fim da ocupação síria e o desarmamento do Hezbollah e dos refugiados palestinos no Líbano.” (MEIHY, 2016, p. 76)

No ano seguinte, no dia 14 de fevereiro de 2005, o mundo ficaria chocado com as imagens de um atentado a bomba em uma das áreas mais nobres de Beirute. Entre os 21 mortos estava o primeiro ministro do Líbano Rafiq Hariri. O atentado colocou o Líbano novamente no cenário internacional. Enquanto Irã e Síria acusavam Israel pelo atentado, a população libanesa saiu as ruas pedindo a saída das tropas sírias do Líbano. Essas manifestações que sucederam a morte de Hariri ficaram conhecidas como a “Revolução dos Cedros” e tiveram como resultado a saída do exército sírio no dia 27 de abril (MEIHY, 2016).

Com a Revolução dos Cedros, o Líbano viria se dividir novamente com o surgimento de duas coalizações de alianças políticas de partidos: a “Coalização 14 de março” e a “Coalização 8 de março”. Resumidamente, foi depois da Revolução dos Cedros que a Coalizão do 14 de março foi formada, exigindo a partida das tropas sírias que ocuparam o Líbano desde 1976 (um sentimento anti-Síria cresceu entre muitos libaneses durante esse ano) e a Coalizão de 8 de março também foi formada após aproximadamente 500 mil manifestantes libaneses chegaram às ruas para "agradecer a Síria" por seu papel no Líbano. Ou seja, a Coalização 14 de março apoiava a Revolução dos Cedros e a saída da Síria e a Coalização 8 de março era o contrário. Essas coalizões têm em sua estrutura de base política e de

Dossiê Futebol, Mulheres e Guerra: o Oriente Médio na Atualidade

aliança muitos partidos como os partidos dos armênios, cristãos, liberais centro-esquerda, centro-direita, cristãos maronitas e etc.

A Coalização 14 de março, com uma base sunita maior, anti-Síria e pró-ocidente ocupa 59 lugares de 128 no Parlamento libanês.⁴ Já a Coalização 8 de março, pró-Síria e de base xiita maior ocupa 63 lugares de 128.⁵

Atualmente, por uma visão macro, os membros do Parlamento se dividem entre 27 lugares para sunitas; 27 para os xiitas; 35 para os cristãos maronitas; 1 para os protestantes; 14 para os gregos ortodoxos; 8 para os gregos católicos; 8 para os drusos; 1 para os cristãos minoritários (provavelmente católicos); 6 para os armênios e 2 para os alauitas (outra ramificação minoritária do Islã).⁶

Em suma, para terminar, o mundo fica chocado novamente quando em 2006, Israel ataca o Líbano como resposta ao sequestro de dois soldados pelo Hezbollah (MEIHY, 2016). Essa guerra durou 1 mês e dois dias e o cessar-fogo foi a aprovação da Resolução 1701 do Conselho de Segurança da ONU⁷ ordenando o fim do confronto entre Israel e Hezbollah; a retirada do exército israelense do Líbano e além do pedido de libertação dos dois soldados israelenses sequestrados. A resolução enviou 1.500 soldados - os capacetes azuis – para o Líbano.

Os anos de 2007 – 2010 foram marcados por uma série de conflitos e atentados que trouxeram instabilidade ao país novamente. Esses anos foram marcados também pelas turbulentas relações com a Síria além de Israel e as influências de Rússia e EUA no conflito.

Em 2011 a Corte Internacional apoiada pelo ONU emite um mandato de prisão para quatro membros do Hezbollah acusados pelo assassinato de Rafiq Hariri. Mas além disso, outro ponto iria começar a abalar o Líbano: o início da Guerra Civil da Síria, onde levaria o país a receber muitos refugiados sírios. Acredita-se que os refugiados já são quase ¼ da população libanesa, fato esse, que levou a uma crise de alguns serviços básicos como o fornecimento de água e energia elétrica, além do recolhimento do lixo urbano, que causou revolta na população em 2015 (MEIHY, 2016).

O Líbano levou dois anos para eleger um presidente entre 2014 e 2016. A principal razão pela qual levou mais de dois anos para eleição foi o fato de que os grupos cristãos não concordavam entre si com um candidato aceitável para as duas principais coalizões políticas. Outro fato atualmente que assombra o Líbano é a crise na Síria, que teve um impacto em sua política interna tanto quanto externa. A economia em geral e os serviços, em particular, estão em estagnação.

Infelizmente o conflito sectário do Líbano vai demorar para se acertar, e vai demorar mais ainda para acabar. Os fatores externos como os seus vizinhos influenciando na sua política interna ou até mesmo o país por um tempo ser considerado uma guerra de procuração entre Arábia Saudita (maior país e

⁴ <http://14march.org/> - Acessado em: 15 out. 2017

⁵ <http://8march.org/> - Acessado em: 15 out. 2017

⁶ <http://everypolitician.org/lebanon/parliament/term-table/2009.html> - Acessado em: 15 out. 2017

⁷ <https://www.un.org/press/en/2006/sc8808.doc.htm> - Acessado em: 15 out. 2017

referência sunita) contra o Irã (maior força xiita), além dos interesses das grandes potências na região e a estreita relação do país com Israel ao sul de sua fronteira.

2.2 O futebol identitário e sectário no Líbano

Ao falarmos sobre o futebol do Líbano, podemos dizer que o futebol é o esporte mais popular no país, sem sombra de dúvidas. Os libaneses dividem sua paixão pelo futebol com o basquete.

O futebol foi “introduzido pelo Colégio Protestante Sírio (...) agora a Universidade Americana de Beirute, quando o Líbano ainda fazia parte do Império Otomano”⁸ (AL-MASRI, 2016, p. 91, tradução nossa).

O Colégio Protestante Sírio (SPC) foi fundado por missionários americanos em 1866. O autor (McCLENAHAN, 2007 apud AL-MASRI, 2016) apresentou sua pesquisa com base nos arquivos do SPC e descreveu que os primeiros jogos de futebol e basquete foram realizados no campo do colégio em 1903.

Como apresentamos no primeiro capítulo sobre a história política do Líbano, foram quase três décadas após o jogo da SPC em 1903 que o Líbano viria a ser reconhecido dentro de suas fronteiras atuais.

O fim da Primeira Guerra Mundial provocou a formalização do mandato francês na Síria e no Líbano em 1923 com a Conferência de San Remo, que praticamente formalizava as divisões de domínio das grandes potências de territórios fragmentados do Império Otomano no Acordo Sykes-Picot de 1916.

Como argumenta (NASSIF, 2009, p. 69-70, tradução nossa):

Em 1920, a ocupação do império otomano terminou e o Líbano caiu sob o mandato francês, que por sua vez permitiu aos libaneses no então recém-criado Estado do Grande Líbano, certo grau de autonomia. O desenvolvimento político do país levou à fundação das escolas que ajudaram o início dos primeiros movimentos esportivos. Tal como acontece com muitos ex-países coloniais franceses (ou países que estavam sob a influência francesa), o esporte libanês foi corado pela cultura e modelo desportivo franceses. Era o futebol, a ferramenta internacional de comunicação internacional dos anos 30, que se estabeleceu em primeiro lugar no Líbano.⁹

⁸ (...) “introduced by the Syrian Protestant College (...), now the American University of Beirut, when Lebanon was still part of the Ottoman Empire.” (AL-MASRI, 2016, p. 91)

⁹ “In 1920, the Ottoman Empire’s occupation ended and Lebanon fell under the French Mandate who in turn allowed the Lebanese in the then newly created State of Great Lebanon, certain degree of autonomy. The political development of the country led to the foundation of schools that helped the beginning of the first sport movements. As with many former French colonials countries (or countries who were under the French

Dossiê Futebol, Mulheres e Guerra: o Oriente Médio na Atualidade

As fronteiras do Líbano foram definidas pelo mandato de assegurar um equilíbrio delicado 50/50 entre os seus habitantes cristãos e muçulmanos. No entanto, essas fronteiras eram problemáticas para algumas comunidades muçulmanas que alimentavam os sentimentos nacionalistas árabes. Eles não viam o Líbano - o que até então fazia parte de uma maior área árabe do Mediterrâneo Oriental sob o governo otomano e depois do governo francês - como um Estado-nação separado de seu entorno árabe. O Líbano finalmente ganhou independência do mandato francês no final de 1943 (AL-MASRI, 2016).

“Em 1933, a Associação Libanesa de Futebol foi fundada; e em 1935, a Associação Libanesa de Futebol (FLF) tornou-se membro da FIFA”¹⁰ (NASSIF, 2009, p. 70, tradução nossa). A LFA (Associação Libanesa de Futebol em inglês) “foi fundada por 13 clubes”¹¹ (AL-MASRI, 2016, p. 92, tradução nossa). O basquete foi introduzido pela Universidade Americana de Beirute; além da introdução dos centros de musculação. Mas foi principalmente em 1943, o ano da independência libanesa que o esporte libanês deu um passo decisivo. Entre 1943 e 1948, a maioria das primeiras federações desportivas libanesas foram criadas. Essas federações eram de vários esportes além do futebol, como por exemplo: wrestling, boxe, natação, esqui, atletismo e ciclismo. O Comitê Olímpico Libanês foi criado em 1948. Até meados dos anos de 1960, os esportes evoluíram bastante no Líbano havendo uma pausa em decorrência das guerras que assombraram o Oriente Médio desde a criação de Israel em 1948 (NASSIF, 2009).

Em um esclarecimento geral, várias figuras proeminentes no estabelecimento da Associação Libanesa de Futebol foram introduzidas no futebol dentro das instituições missionárias e comunitárias. É interessante citar, que Pierre Gemayel, fundador Partido Libanês Kataeb que foi presidente da Associação Libanesa de Futebol em 1937, o que deixava as federações com algumas tendências de favorecer algum tipo de etnia ou comunidade religiosa. O estabelecimento desses novos clubes não foi necessariamente encorajado ou moderado através das próprias instituições missionárias: alguns clubes foram fundados precisamente por oposição sectária religiosa ou nacionalista à influência institucional missionária (AL-MASRI, 2016).

Nassif, publicou uma entrevista de um atleta profissional, o Hassan Ayoub, que comentou sobre a divisão política do futebol no Líbano:

“O futebol é politizado. Isso reflete o país. As federações são feitas para satisfazer um certo partido político. Embora você ainda tenha pessoas trabalhando com

influence), Lebanese sport was colored by the French sport culture and model. It was football, the French international communicational tool’ of the 30’s that was firstly established in Lebanon.” (NASSIF, 2009, p. 69-70).

¹⁰ “In 1933, the Lebanese Football Association was founded; and in 1935, the Lebanese Football Association became a member of FIFA.” (NASSIF, 2009, p. 70)

¹¹ “(...) was made up of 13 clubs.” (AL-MASRI, 2016, p. 92)

Dossiê Futebol, Mulheres e Guerra: o Oriente Médio na Atualidade

integridade, mas essas pessoas são muito raras. Você tem muito mais pessoas que têm influência política.” (NASSIF, 2009, p. 110, tradução nossa)¹²

Sobre os clubes, ”com algumas exceções, o cenário de futebol libanês foi dominado por cristãos e equipes armênias, com apenas dois dos treze representantes do clube que estabeleceram a LFA em 1993 pertencentes a seitas muçulmanas” (AL-MASRI, 2016, p. 93, tradução nossa)¹³.

Al-Masri, 2016, p. 93, afirma que:

Isso pode ser porque as comunidades cristãs no Líbano, ao ter relações mais fortes com a França colonial e terem sido educadas nas instituições missionárias cristãs, vieram ao futebol muito antes do que seus compatriotas muçulmanos. Assim como Najjar descreve o entusiasmo da equipe do USJ católico para vencer a equipe protestante de AUB percebida, os esportes em instituições muçulmanas foram introduzidos em reação, mas muitas vezes emulando, missionários cristãos (...) Os clubes emergentes das comunidades muçulmanas não se posicionaram facilmente como "clubes muçulmanos", mas como nacionalistas árabes ou anti-coloniais. Nahda Club, por exemplo, descrito pelo jornalista esportivo Ali Hamidi Sakr como o mais popular no início dos anos 1930, foi estabelecido em 1926, nas palavras de um de seus fundadores, por um grupo de jovens como um clube desportivo nacional sem qualquer hegemonia estrangeira¹⁴

“De 1975 a 1990, a infra-estrutura desportiva libanesa foi completamente destruída pela guerra civil”¹⁵ (NASSIF, 2009, p. 106, tradução nossa). E “o esporte libanês foi reintegrado no final de 1990, na

¹² “Football is politicised. It reflects the country. The federations are made to satisfy a certain political party. Even though you still have persons working with integrity, but these persons are very rare. You have much more persons that have political influence.” (NASSIF, 2009, p. 110)

¹³ “With some exceptions, the Lebanese football scene was dominated by Christian and Armenian teams, with only two of the thirteen club representatives who established the LFA in 1993 belonging to Muslim sects” (AL-MASRI, 2016, p. 106)

¹⁴ “This could possibly be because Christian communities in Lebanon, through enjoying stronger relations with colonial France and having been educated in the Christian missionary institutions, had come to football much earlier than their Muslim compatriots. Just as Najjar describes the enthusiasm of the team of the Catholic USJ to beat the perceived Protestant team of AUB, sports in Muslim institutions were introduced in reaction to, but often emulating, Christian missionary ones (McClenahan 2007). Clubs emerging from the Muslim communities did not readily position themselves as ‘Muslim clubs’, but as Arab Nationalist or anti-colonial ones. Nahda Club for example, described by sports journalist Ali Hamidi Sakr as the most popular in the early 1930s, was established in 1926, in the words of one of its founders, by a youth group as a national sports club free of any foreign hegemony” (AL-MASRI, 2016, p. 93)

¹⁵ “From 1975 to 1990, Lebanese sport infrastructure has been completely destroyed by the civil war.” (NASSIF, 2009, p. 106)

Dossiê Futebol, Mulheres e Guerra: o Oriente Médio na Atualidade

conclusão da última guerra civil libanesa” (NASSIF, 2009, p. 106, tradução nossa).¹⁶ Depois deste período, as instituições esportivas começaram a se estabilizar novamente.

De uma maneira geral no Líbano, mesmo o futebol não pode escapar do sectarismo que arruinou desde os primórdios o país. À medida que o país atravessou a guerra civil, a paz, a guerra contra Israel e de volta ao ponto de se separar novamente, o futebol absorveu as tensões. E não somente o futebol, o basquete também.

“Cada equipe tem sua própria identidade sectária distinta” (MONTAGUE, 2015, p. 178, tradução nossa).¹⁷

Iremos abordar alguns clubes e suas identidades sectárias. Primeiramente, irei trabalhar com os dois clubes de identidade sunita e fomentados pela família Hariri: O Al-Ansar e o Nejmech Sport Club.

Al Ansar era financiado por Rafik Hariri, ex-primeiro ministro do país, cujo assassinato de 2005 levou a Revolução do Cedro no Líbano e a remoção de tropas sírias do seu solo. A família Hariri manteve a tradição, mantendo Ansar nos negócios e também pagando US \$ 1,5 milhões para financiar o Nejmech também. (MONTAGUE, 2015, p. 178, tradução nossa)¹⁸

O Al-Ansar é um dos clubes mais famosos do Líbano ao lado do Nejmech, onde protagonizam o clássico Nejmech-Ansar. O nome “Ansar” que significa ajudante em referência aos cidadãos de Medina que ajudaram o Profeta Maomé na cidade após a sua migração de Meca para Medina. Outro fato curioso é o símbolo de seu brasão. Nele, contém o desenho de uma tocha com cinco “labaredas” que simboliza os cinco pilares do Islã. O Al-Ansar também é famoso por estar presente no Livro de Recordes, o Guinness World Records, por vencer incrivelmente o campeonato Libanês de futebol por onze anos consecutivos, entre 1988 e 1999¹⁹. Além do mais, o Al-Ansar é o clube que mais venceu o campeonato libanês de futebol e a Copa de Futebol do Líbano (MONTAGUE, 2015).

O Nejmech Sport Club – conhecido como Clube Estrela pelo seu escudo - foi fundado em 1945. “Oficialmente licenciado em 1947, o primeiro conselho do clube incluiu um grupo de membros muçulmanos sunitas e drusos” (AL-MASRI, 2016, p. 94, tradução nossa).²⁰

¹⁶ “(...) the Lebanese sport was reinstated towards the end of 1990, at the conclusion of the last Lebanese civil war.” (NASSIF, 2009, p. 106)

¹⁷ “Each team has its own distinct sectarian identity.” (MONTAGUE, 2015, p. 178)

¹⁸ “Al Ansar used to be funded by Rafik Hariri, the country’s ex-prime minister whose 2005 assassination prompted Lebanon’s Cedar Revolution and the removal of Syrian troops from its soil. The Hariri family has carried on the tradition, keeping Ansar in business while also paying out \$1.5m to fund Nejmech too.” (MONTAGUE, 2015, p. 178)

¹⁹ <https://terrythetourist.com/2013/06/29/lebanese-football-beirut-bombs-buecker/> - Acessado em: 30 de out. 2017.

²⁰ “Officially licensed in 1947, the club’s first board included a group of Muslim Sunni and Druze members”. (AL-MASRI, 2016, p. 94)

Dossiê Futebol, Mulheres e Guerra: o Oriente Médio na Atualidade

Pelé jogou um amistoso em 1975 pelo Nejmeh. A participação de Pelé é apontada como um dos motivos do atraso da Guerra Civil Libanesa, onde todo o país parou para assistir o rei do futebol jogar (MEIHY, 2016). Nesta partida, Pelé marcou dois gols que não foram computados nos seus 1.281 gols de carreira.²¹ É possível ver o jogador dando uma entrevista a um programa da Rede Globo falando sobre o episódio, comentado sobre o jogo e falando sobre os dois gols não computados.²²

Porém, outro jogador brasileiro mundialmente famoso já jogou contra o Nejmeh em outro amistoso. Em 2003, foi Bebeto em que foi o protagonista da festa. Jogando pelo Flamengo-SP ou Flamengo de Guarulhos, um time pequeno da cidade paulista de Guarulhos que foi fundado com inspiração no Flamengo do Rio de Janeiro em 1954, foi ao Líbano para jogar contra o Nejmeh em 02 de outubro de 2003. A partida ocorreu no Estádio Municipal de Beirute e o Flamengo/SP venceu o Nejmeh por 3x0 com gols marcados por Carlos Clay, Fabricio e Adriano. A estrela da noite, Bebeto, jogou um tempo para cada time: jogou o primeiro tempo pelo Nejmeh e o segundo tempo pelo Flamengo-SP.²³

Continuando, outro clube importante para se citar é o Al-Safa Sporting Club. O “Safa é o clube da população drusa do país”²⁴ (MONTAGUE, 2015, p. 178, tradução nossa). Foi fundado em 1939 e chegou a primeira divisão do futebol libanês apenas em 1961.

“O Sagesse representa os católicos maronitas” (MONTAGUE, 2015, p. 178, tradução nossa).²⁵ O Sagesse ou Hekmeh foi fundado em 1943. Al-Hikma em árabe clássico ou El-Hekmeh no dialeto libanês significa "sabedoria", assim também o nome alternativo francês do clube, Sagesse (que significa sabedoria em francês). O clube tem um sucesso e fama maiores no basquete do que no futebol (REICH, 2011).

Outro clube cristão, o “Racing Beirut está associado com os cristãos ortodoxos” (MONTAGUE, 2014, p. 96, tradução nossa).²⁶ O clube foi fundado em 1950 e suas maiores glórias no passado são a vitória sobre a Seleção juvenil Sub-23 do Brasil em 1977 por 1x0 e a vitória sobre o time do exército sírio por 2x0 no mesmo ano.²⁷

Entre os dois clubes cristãos, Racing e Hekmeh, existe também uma rivalidade entre os estes grupos religiosos:

Em outro nível, havia rivalidades entre as principais seitas dentro de religiões particulares, como aquela entre os clubes de futebol Racing (Cristãos Ortodoxos) e

²¹ <http://blogbaladi.com/brazilian-football-legend-pele-played-for-lebanese-nejmeh-sc-in-1975/> - Acessado em: 30 de out. 2017

²² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SaO2EyaTSWs> – Acessado em: 30 de out. 2017

²³ <http://aaflamengo.blogspot.com.br/2010/10/bau-do-flamengo-excursao-ao-libano-2003.html> - Acessado em: 30 de out. 2017

²⁴ “Safa is the team of the country’s Druze population”. (MONTAGUE, 2015, p. 178)

²⁵ “Sagesse represent the Maronite Catholics”. (MONTAGUE, 2015, p. 178)

²⁶ “(...) Racing Beirut were aligned with the Orthodox Christians.” (MONTAGUE, 2014, p. 96)

²⁷ http://www.abdogedeon.com/volleyball/NOUJOUR/racing_club_beirut%202.html – Acessado em: 30 de out. 2017

Hikmeh (Cristãos Maronitas), ambos de Achrafieh, um dos distritos cristãos mais antigos de East Beirut. Houve também muitos confrontos após jogos entre essas equipes. (REICH, 2011, p. 265, tradução nossa)²⁸

Já o Al-“Ahed, por outro lado, é a equipe da força mais controversa e polêmica do Líbano. Eles são o time dos xiitas e, em particular, do Hezbollah” (MONTAGUE, 2015, p. 178, tradução nossa).²⁹ Um fato curioso é que “as camisas do Al-Ahed sempre foram patrocinadas pela Al-Manar, a própria rede de TV do Hezbollah, que é considerada uma entidade terrorista nos EUA”³⁰ (MONTAGUE, 2014, p. 96, tradução nossa).

Existem vários grupos sectários registrados no Líbano e as mais proeminentes possuem clubes profissionais nas primeiras ligas de basquete e futebol. A maioria dos clubes tem afiliações sectárias com as três maiores comunidades religiosas no Líbano: muçulmanos sunitas, muçulmanos xiitas e cristãos maronitas. Além disso, existem clubes ortodoxos cristãos, drusos e armênios. Outras seitas que não têm clubes na primeira liga são, no entanto, representadas em menor divisões.

Abordamos os clubes que possuem uma notoriedade maior dentro do país e até mesmo por uma falta de material, ficamos limitados a dar uma abrangência maior sobre o histórico de cada clube em específico e o qual as circunstâncias que levaram o clube a se identificar com algum grupo étnico-religioso.

De qualquer forma, os confrontos entre os clubes e as suas torcidas eram frequentes, conforme aponta (MONTAGUE, 2015, p. 178, tradução nossa) que “todos os fins de semana costumavam ser como uma mini guerra civil na liga de futebol”.³¹ Os confrontos eram tão intensos que “para evitar mais violência sectária, a Associação Libanesa de Futebol decidiu, em 2007, impedir todos os espectadores das partidas”³² (AMARA, 2017, p. 404, tradução nossa). A medida foi tomada com medo que uma partida de futebol pudesse desencadear uma guerra civil real.

Os estádios ficaram em silêncio por cinco anos, quando, neste período surge Theo Bucker, que experimentou esse silêncio em primeira mão como treinador do Al-Ahed e sabia que o sectarismo que dominava o futebol libanês precisava ser retirado da seleção nacional.

²⁸ “On another level there were rivalries between the main sects within particular religions, such as that between the football clubs Racing (Orthodox Christian) and Hikmeh (Maronite Christian), which are both from Achrafieh, one of the oldest Christian districts of East Beirut. There were also many fights after games between these teams” (REICH, 2011, p. 265)

²⁹ “Ahed, on the other hand, is the team of Lebanon’s most potent, controversial force. They are the team of the Shia and, in particular, of Hezbollah.” (MONTAGUE, 2015, p. 178)

³⁰ “Al-Ahed's shirts were even sponsored by Al-Manar, Hezbollah's very own TV network which is itself considered a terrorist entity in the US.” (MONTAGUE, 2014, p. 96)

³¹ “Every weekend used to be like a mini civil war in the football league (...)” (MONTAGUE, 2015, p. 178)

³² “To prevent further sectarian violence, the Lebanese Football Association decided in 2007 to bar all spectators from matches.” (AMARA, 2017, p. 404)

Dossiê Futebol, Mulheres e Guerra: o Oriente Médio na Atualidade

Bücker é alemão e não tem uma carreira notável como jogador de futebol. Jogou no Borussia Dortmund entre 1969 e 1973 e no FC Schalke 04 entre 1981 e 1984, sendo estes dois os clubes mais notáveis de sua carreira. “Em 1985, ele começou a treinar no mundo árabe, uma jornada que o levaria a todos os lugares das imensas multidões e paixões do Egito para a Líbia, onde a família Gaddafi governava o futebol com um punho de ferro” (MONTAGUE, 2014, p. 96, tradução nossa).³³ Já treinou os famosos clubes egípcios Zamalek e Al Ahly. O clube em qual mais se destacou sua carreira de técnico no Líbano foi pelo time xiita do Hezbollah, o Al-Ahed, onde conquistou seu primeiro título da Liga Premier do Líbano em 2008. Sua primeira participação como técnico iniciou com a seleção libanesa em 2000, a qual viria a treinar novamente em 2011. Ele atendeu o pedido do seu país adotivo, pois ele se considera meio-libanês por ter se casado uma dentista libanesa (MONTAGUE, 2014).

No começo as coisas não foram boas, mas com uma reviravolta o Líbano começou a ganhar nas eliminatórias. O maior marco foi vitória por 2-1 sobre os semifinalistas da Copa do Mundo de 2002, a Coreia do Sul, que ocorreu em frente a quase 60 mil torcedores no Estádio Camille Chamoun depois que o governo decidiu que os torcedores poderiam retornar devida à boa campanha da seleção. Bücker se tornou um tipo de herói nacional, não só por dar a melhor campanha da história à Seleção Libanesa, mas por fazer o país deixar um pouco de lado a divisão sectária e se unir pelo momento da seleção.

Em alguma entrevista, o técnico alemão Theo Bücker disse:

"Você seleciona jogadores de maneira justa, não porque meu pai, meu irmão, conheça alguém, não porque sejam cristãos ou drusos ou xiitas. Não me importo se alguém é cristão ou muçulmano. Não há velho ou jovem. Existem apenas bons e maus jogadores de futebol. Estou cansado de torná-los sem identidade, sem qualquer número". (MONTAGUE, 2014, p. 96, tradução nossa)³⁴

Infelizmente, o futebol local de futebol refletiu a violência sectária que levou o Líbano a uma guerra civil viciosa entre 1975 e 1990. Cada clube tem uma identidade religiosa distinta, enraizada pelo patrocínio de políticos que ajudariam a financiá-los. Durante anos, os jogadores sejam xiitas, sunitas, ortodoxos cristãos, armênios, maronitas e drusos da seleção nacional foram incapazes de escapar do peso da história do Líbano, nem se elevarem acima do ódio que rondava a seleção.

Por exemplo, o estádio costumava ser o maior tesouro do futebol libanês: uma construção moderna localizada tão perto da costa do Mediterrâneo, que você podia ouvir as ondas batendo na praia esfarrapada nas proximidades (MONTAGUE, 2014). Foi construído quando o Líbano hospedou

³³ "In 1985 he began coaching in the Arab world, a journey that would take him everywhere from the huge crowds and passion of Egypt to Libya, where the Gaddafi family ruled football with an iron fist." (MONTAGUE, 2014, p. 96)

³⁴ "You select playes in the fair way, not because my father, my brother, know somebody, not because they are Christian or Druze or Shia. I don't care if someone is a Christian or a Muslim. There is no old or young. There are only good and bad football players. I tired to make them faceless, without any number". (MONTAGUE, 2014, p. 96)

Dossiê Futebol, Mulheres e Guerra: o Oriente Médio na Atualidade

a Copa da Ásia de 2000 e representou uma era de novas esperanças para o país, que estava experimentando um boom econômico e cultural pós-guerra civil. Não passava de uma miragem que terminou quando um carro bomba maciço matou o ex-primeiro ministro Rafik Hariri em 2005. O futebol não foi jogado por cinco anos, porque o exército o aproveitou para usar como base enquanto lidava com os campos de refugiados palestinos no norte do país.

Outro episódio marcante na história do futebol libanês foi em 2009, onde a imagem de carros amassados parecia o cenário de algum bombardeio. Na verdade, era um pós-jogo de futebol daquele ano. Na verdade, não era um simples jogo do campeonato, mas sim a decisão do futebol libanês. O jogo terminou com um distúrbio entre os torcedores dos campeões, Nejmeh (clube sunita), com os jogadores do time derrotado, o Al-Ahed (clube xiita).

Um grande grupo de fãs do Nejmeh, cerca de cem, chegou com sua inequívoca bandeira vermelha e estrela de ouro. Mas a bandeira do clube era apenas um apoio para motivações políticas. A vitória na liga não era mais importante, nem a vitória sobre seus inimigos políticos e religiosos em 7 de junho. A multidão começou a cantar músicas anti-Hezbollah antes de atacar os jogadores de Ahed (MONTAGUE, 2015, p. 181, tradução nossa).³⁵

No Líbano, como as torcidas estavam proibidas de adentrar aos estádios, veio a mistura venenosa de ódio sectário. Nada é tão simples quanto uma luta para os direitos de vanglória do futebol, principalmente no Líbano. O desastre foi notado pela omissão do exército no episódio ocorrido após a partida. “Estranhamente, para um jogo de futebol no Líbano, e até mesmo estranho para decisão crucial da liga, envolvendo uma equipe xiita que ocorre em um distrito declaradamente sunita, o exército estava longe de ser visto” (MONTAGUE, 2015, p. 186, tradução nossa).³⁶

Conclusão

Desde 2005 as principais rivalidades no futebol e no basquete mudaram – uma reflexão de uma mudança geral que ocorreu na política libanesa naquela época. O ponto chave, como trabalhamos na parte histórica do Líbano, ocorreu em fevereiro de 2005 com o assassinato de Rafik Hariri, primeiro-ministro libanês entre 1992 e 1998; depois em 2000 e 2004. Desde o assassinato a política libanesa foi dividida em dois blocos: 8 de março e 14 de março. Toda a primeira divisão dos clubes de futebol e

³⁵ “A large group of Nejmeh fans, numbering close to a hundred, had arrived with their unmistakable red flag and gold star. But the club’s flag was merely a sop for political motivations. Victory in the league was not important anymore, not nearly as much as victory over their political and religious foes on 7 June. The crowd began to sing anti-Hezbollah songs before attacking Ahed’s players.” (MONTAGUE, 2015, p. 181)

³⁶ “Oddly, for a football match in Lebanon, and even stranger for crucial league decider involving a Shia team taking place in an avowedly Sunni district, the army was nowhere to be seen.” (MONTAGUE, 2015, p. 186)

Dossiê Futebol, Mulheres e Guerra: o Oriente Médio na Atualidade

basquete estão afiliados a uma dessas alianças, e muitas vezes há rumores de que os clubes se apoiam no seu bloco, por exemplo, não permitindo que seus melhores jogadores joguem quando o outro clube precisa de pontos para o campeonato ou para se qualificar para os play-offs domésticos (em basquete) e competições internacionais.

Embora que este cenário sectário tenha se concentrado nos dois esportes mais populares no Líbano, basquete e futebol, deve-se mencionar que as afiliações sectárias e políticas não são exclusivas desses dois esportes. Pode-se encontrá-los na natação e no tênis de mesa, por exemplo, também. A competição na natação vai tão longe que alguns clubes trazem a força atletas da diáspora libanesa de outros países para campeonatos. Parece que apenas os esportes que são novos no Líbano, como a liga de rugby, (ainda) não foram capturados por líderes religiosos e políticos. E dificilmente esse cenário vai mudar tão fácil. Porém no Líbano, a religião, a política e a desconfiança se combinam no futebol para produzir uma mistura potente e inflamável.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AL-MASRI, Muzna. **Political Theatre: Football and Contestation in Beirut**. 2016. 274f. Tese (Doutorado) - Department of Anthropology Goldsmiths College, University of London, Londres. Disponível em: <https://research.gold.ac.uk/18235/1/ANT_thesis_Al-MasriM_2016.pdf> - Acessado em: 30 de outubro de 2017.

AMARA, Mahfoud. Football in West Asia. In: HUGHSON, John *et al.* (Eds.). **Routledge Handbook of Football Studies**. 1st edition. Londres: Routledge, 2017, p. 402-411. (Routledge International Handbooks)

FOER, Franklin. **Como o Futebol Explica o Mundo: Um olhar inesperado sobre a globalização**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

McCLENAHAN, William. **Lebanese Sport from a Basketball Perspective**. 2007. Dissertação (Mestrado), American University of Beirut, Beirute.

MEIHY, Murilo. **Os Libaneses**. São Paulo: Contexto, 2016.

MONTAGUE, James. **Thirty-One Nil: On the Road With Football's Outsiders: A World Cup Odyssey**. 1st edition. Londres: Bloomsbury Sport, 2014.

MONTAGUE, James. Lebanon: a country torn apart on the soccer pitch. In: RAAB, Alon; KHALIDI, Issam (Eds.). **Soccer in the Middle East**. 1st edition. Londres: Routledge, 2015, p. 177-182. (Sport in the Global Society – Contemporary Perspectives).

NASSIF, Nadim. **Sport Policy In Lebanon, 1975 to 2004**. 2009. 290f. Dissertação (Mestrado) - International Centre for Sport History and Culture, Faculty of Humanities - Montfort University, Leicester. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/2747608.pdf>> - Acessado em: 30 de outubro de 2017.

REICHE, Danyel. War Minus the Shooting? The politics of sport in Lebanon as a unique case in comparative politics. **Third World Quarterly**, Vol. 32, No. 2, 2011, p. 261-277.

SCALÉRCIO, Márcio. **Oriente Médio – Uma análise reveladora sobre dois povos condenados a conviver.** Rio de Janeiro: Campus, 2003.

SHLAIM, Avi. **A muralha de ferro: Israel e o Mundo Árabe.** Rio de Janeiro: Ed. Fissus, 2004.

SMITH, Dan. **Atlas do Oriente Médio: mapeamento completo de todos os conflitos.** São Paulo: PubliFolha, 2008.